

**IDENTIDADE CULTURAL SUL-RIO-GRANDENSE, NA CONTEMPORANEIDADE,  
E SUA MANIFESTAÇÃO NA PAISAGEM DE SANTA MARIA – RS**

**IDENTIDAD CULTURAL EN RÍO GRANDE DEL SUR, EN EL  
CONTEMPORÁNEO, Y SU MANIFESTACIÓN EN EL PAISAJE DE  
SANTA MARIA – RS**

Deise Caroline Trindade LORENSI<sup>1</sup>  
Elsbeth Léia Spode BECKER<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa é evidenciar a identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade, e analisar sua manifestação na paisagem de Santa Maria – RS. A influência da cultura sobre o território, a exemplo da tradição gaúcha, fortalece os aspectos geográficos, pois diversifica a ação do homem sobre a superfície terrestre, diferenciando o espaço de acordo com sua herança cultural, ou seja, o modo de vida partilhada historicamente por grupos culturais. Os procedimentos metodológicos perpassaram por uma revisão bibliográfica, aplicação de questionário a jovens santa-marienses, entre 15 e 28 anos, bem como levantamento fotográfico e visitações as entidades tradicionalistas do município. Constatou-se a premissa de que o tradicionalismo gaúcho no município é um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais; e evidencia-se que são necessários o resgate e a valorização da tradição gaúcha na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Geografia cultural; Identidade; Tradição gaúcha.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es evidenciar la identidad cultural en Río Grande del Sur en el contemporáneo y analizar su manifestación en el paisaje de Santa Maria – RS. La influencia de la cultura sobre el territorio, a ejemplo de la tradición gaucha, fortalece los aspectos geográficos, pues diversifica la acción del hombre sobre la superficie terrestre, distinguiendo el espacio de acuerdo con su herencia cultural, o sea, el modo de vida repartida historicamente por los grupos culturales. Los procedimientos metodológicos pasaran por una revisión bibliográfica, por una aplicación de cuestionarios a jóvenes santamarienses, entre 15 y 28 años, así como tuvo un levantamiento fotográfico y visitas a las entidades de la ciudad, verificada in loco, como se manifiesta la tradición gauchesca en el paisaje de Santa Maria. Se encontró la premisa de que el tradicionalismo gaucho de Santa Maria (RS) es un importante componente desencadeador para la convivencia de la población en sus varias expresiones sociales y culturales, así como fue posible confirmar la influencia, de la familia en la transmisión de la cultura Sur Riograndense. Por fin, se evidencia que, es necesario el rescate y la valorización de la tradición gaucha en la época contemporánea.

**Palabras claves:** Geografía Cultural; Identidad; Tradición Gauchesca.

---

<sup>1</sup> Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora de Geografia na Rede Municipal de Ensino de Santa Maria. E-mail: deisecl@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria. Atuou como professora adjunta III na Universidade Franciscana - UFN nos cursos de Geografia, Turismo e Mestrado em Ensino de Humanidades. Professora aposentada da Rede Pública do estado do Rio Grande do Sul. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com.

## **Introdução**

As manifestações culturais tornam-se importantes para a ciência geográfica, uma vez que o homem intervém no espaço, a fim de transmitir os seus costumes e, consecutivamente, constrói a identidade cultural dos povos, firmando os sentimentos de pertencimento a um determinado espaço geográfico. Isso se dá através do compartilhamento de relações sociais, históricas e simbólicas, que compõem os hábitos de um determinado grupo social.

Assim, na contemporaneidade existem inúmeras culturas, e cada é formada com aspectos relacionados aos hábitos e costumes dos povos que habitavam diferentes territórios. Algumas dessas culturas foram extintas, outras estão presentes no cotidiano da população, sendo passadas de geração em geração. Esses processos culturais eram e são ensinados aos mais jovens pelo ensino formal e, principalmente, pela educação não-formal, através dos saberes adquiridos historicamente. “Nos estudos culturais, a história é substituída pelo passado, pela memória, e então é trazida para sua íntima conexão com o presente e o futuro” (COSGROVE, 1999, p. 23), permitindo que os grupos sociais criem laços de pertencimento com o lugar.

No Brasil, essa situação não se difere, pois o país apresenta diferentes culturas vinculadas aos primeiros habitantes (indígenas), bem como, aos colonizadores e imigrantes que ocuparam o território brasileiro. Desta maneira, no Rio Grande do Sul, a formação cultural que se deu, num primeiro momento, através da incorporação de hábitos e de costumes dos índios e dos colonizadores (portugueses e espanhóis). E, em um segundo momento, a partir da influência dos imigrantes (açorianos, alemães e italianos, principalmente), tornou-se uma cultura que integrou diferentes costumes, passando a ser única. E é dessa maneira que se manifesta, em sua singularidade, de diferentes formas sobre o espaço sul-rio-grandense, sendo observado através das vestimentas, da simbologia, da música e da dança, da gastronomia, das linguagens, da lida campeira e de outros elementos culturais anexados ao longo tempo, das existências e das vivências.

Sendo assim, a tradição gaúcha, como forma de manifestação cultural, consolidou-se através dos conhecimentos e da vivência dos diferentes povos que colonizaram o Rio Grande do Sul, construindo uma identidade comum que perdurou até a atualidade. Embora o legado gaúcho fosse transmitido de geração em geração, sofreu algumas mudanças ao longo de sua trajetória, no tempo e no espaço. Um exemplo disso são os bailes que, no passado, eram realizados nas Estâncias; hoje, são nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

Entretanto, a ‘invasão’ e a influência dos aportes da cultura de massa veiculados e facilitados pela técnica da comunicação no atual período técnico-científico-informacional e na

modernidade líquida (do pensamento fugaz), desvalorizaram o que era específico de uma região (cultura). Para Bauman (2001), as identidades culturais tornaram-se líquidas, uma vez que ocorreram inúmeras transformações sociais, políticas e econômicas que modificaram as construções das identidades na sociedade pós-moderna: a economia (des)territorializou-se e as relações de produção e consumo se intensificaram na medida em que os indivíduos tornaram-se mais adeptos a culturas provenientes de países hegemônicos.

Historicamente, os lugares vão sendo transformados à medida que o desenvolvimento econômico se expressa nas paisagens, e as funções e os usos dos lugares vão sendo influenciados por novas tecnologias, usos e modismos e, em decorrência, tomando novas configurações. Nessa dinâmica, as relações socioculturais e político-econômicas vão se transformando e transformando o lugar. O lugar é a base da reprodução da vida. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se expressam todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. O lugar é, então, “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p. 20).

O lugar, na fase mais avançada da globalização, assume aspectos da “cultura de massa”, a cultura do consumismo. Essa cultura se sobrepõe à local, historicamente construída pelos habitantes do lugar. No Rio Grande do Sul, esse fenômeno de (des)territorialização cultural também se fez presente, especialmente, a partir da década de 1960. E notabilizou-se a difusão da cultura estadunidense, expressa pelo “*american way of life*” (o estilo de vida americano). A imersão nessa cultura, expressada, especialmente, pela música, pelo modo de se vestir e pelos *fast-food* (comida rápida), trouxe novos “valores” de consumo para os países latino-americanos, em sua maioria.

No Brasil, e também no Rio Grande do Sul, esse fenômeno de “americanização” trouxe profundas transformações ao lugar, e a maior parte da cultura local foi desvalorizada e considerada “atrasada e cafona”. No Rio Grande do Sul estabelecem-se valores culturais provenientes, principalmente, dos Estados Unidos, que, ao se consolidarem como potência política e econômica do sistema capitalista, passaram a determinar e a influenciar regras e padrões que são incorporados e seguidos pelo restante do mundo (filmografia, influência musical, hábitos alimentares, danças, bem como a predominância do idioma inglês) e, conseqüentemente, ocorre a padronização cultural de massa.

Foi neste contexto, que em Porto Alegre, na capital gaúcha, foi organizada uma resistência à banalização da cultura local, na qual Paixão Côrtes, Luiz Carlos Barbosa Lessa e

Glaucus Saraiva, tiveram grande mérito ao fundar, em 1948, o “35 CTG”, que marca o movimento de recuperação e valorização da cultura local.

No entanto, na esteira da globalização, teve-se um grande avanço e influência principalmente das músicas estrangeiras, e a cultura gaúcha tornou-se, em grande parte, desconhecida da população mais jovem. A desvalorização e/ou o ‘desconhecimento’ das tradições gaúchas, por grande parte da juventude santa-mariense, contribui para estabelecer a questão de pesquisa que é “como ocorre a construção da identidade cultural gaúcha no século XXI e como esta se manifesta na paisagem santa-mariense”?

Sendo assim, a presente pesquisa tem relevância acadêmica e social, pois permite compreender como as tradições gaúchas são preservadas, revitalizadas e (re)inventadas na sociedade contemporânea, bem como possibilita reconhecer como as práticas tradicionalistas manifestam-se no espaço geográfico de Santa Maria (RS), uma vez que as tradições são (re)inventadas a fim de possibilitar um sentimento de pertencimento de um grupo específico, possibilitando aos jovens construir sua identidade cultural através de símbolos, crenças, danças folclóricas e outros elementos. Logo, as entidades tradicionalistas são espaços criados para partilhar e socializar as manifestações culturais sul-rio-grandense, construindo a identidade regional e o vínculo do grupo que se declara gaúcho.

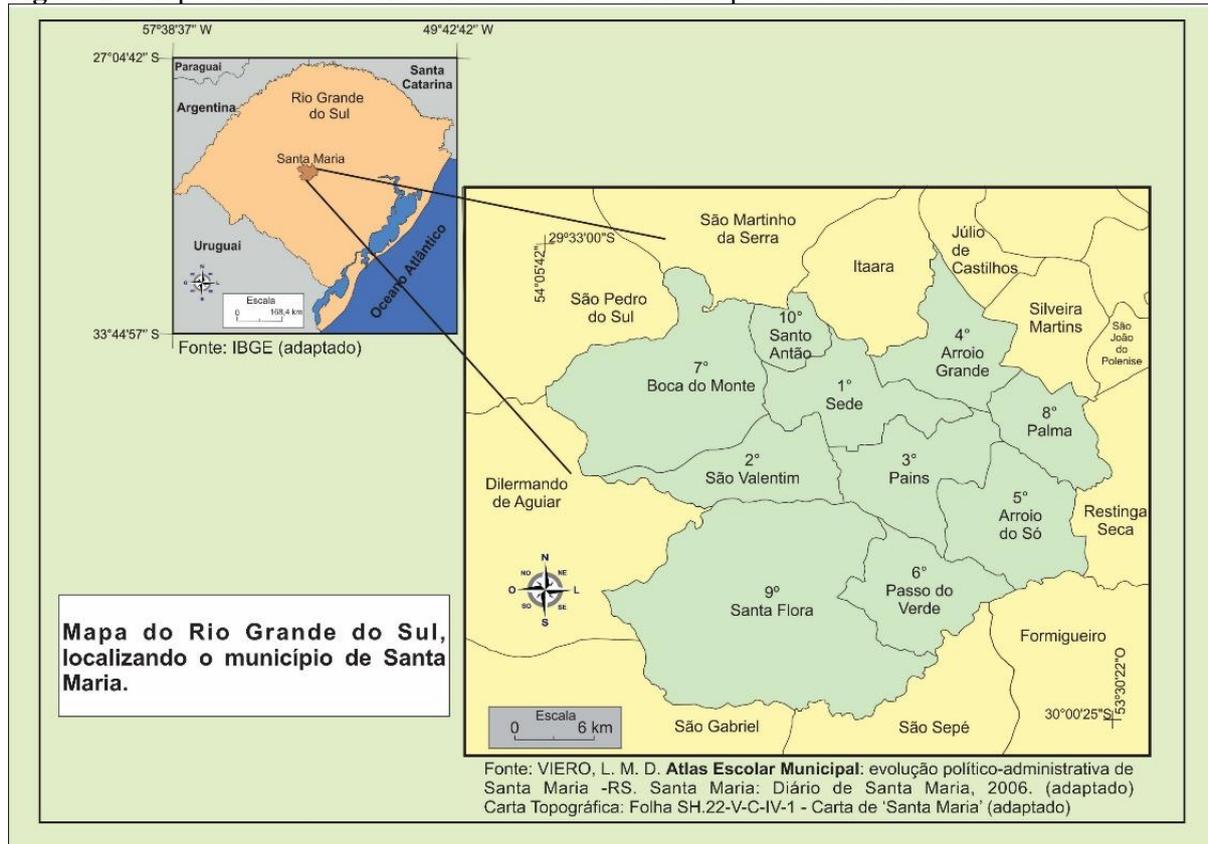
No atual contexto social e econômico, os jovens gaúchos estão perdendo seu vínculo com as tradições, pois, devido à mídia televisiva e à internet, principalmente, estão cada vez mais envolvidos com dimensões culturais provenientes de outros países hegemônicos e/ou regiões brasileiras. No que se refere à relevância social deste estudo, destaca-se a contribuição no resgate e na valorização das tradições gaúchas, uma vez que se vive num período pós-moderno, onde a cultura está cada vez mais superficial, fazendo-se necessário reconhecer o folclore sul-rio-grandense como um importante elemento da identidade local, colaborando para o sentido e o entendimento dessa herança folclórica, sua preservação, sua importância e sua adaptação na atual sociedade líquida.

Para encaminhar o estudo foi estabelecido o objetivo principal que é evidenciar a identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade, e analisar sua manifestação na paisagem de Santa Maria – RS; e os objetivos específicos: a) identificar as principais manifestações culturais gaúchas na paisagem santa-mariense; e b) verificar como ocorre a construção da identidade cultural nas áreas urbanas e nas áreas rurais de Santa Maria, RS.

## Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa quanto à forma de abordagem, pois buscou interpretar a construção da identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade, a partir da percepção dos jovens gaúchos no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul (Figura 1).

**Figura 1** - Mapa do Estado do Rio Grande do Sul e o Município de Santa Maria e sua divisão distrital.



Fonte: IBGE (2019); VIERO (2006).

Pochmann (2004) ressalta que, no século XXI, quando a expectativa média de vida se encontra ao redor dos 70 anos no Brasil, torna-se fundamental o alargamento da faixa etária circunscrita à juventude para algo entre 16 e 34 anos de idade.

Neste sentido, a faixa etária entre 15 e 28 anos foi considerada adequada para este estudo, uma vez que é neste período que se consolidam os saberes e as vivências tradicionalistas dos jovens, evidenciado através do vocabulário próprio, acompanhado de gostos específicos no vestir, no relacionamento em grupo, na dança, na música, entre outros.

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. As expressões-chave para essa pluralização são a crescente obscuridade, a crescente individualização das formas de vida e a dissolução de velhas

desigualdades sociais dentro de uma nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões (HABERMAS, 2000).

Os defensores do pós-modernismo argumentam que se inicia uma nova era na pesquisa. As descrições, narrativas, teorias, modelos e narrativas críticas devem dar espaço às novas formas de investigação que contemplam as narrativas culturais e que são limitadas em termos locais, temporais e situacionais (FLICK, 2009).

A análise dos significados subjetivos da experiência e da prática cotidianas mostrou-se essencial para a compreensão do objeto e para a delimitação dos objetivos da pesquisa. Assim, do ponto de vista de seus objetivos, esta pesquisa pode ser considerada descritiva, e o método empregado foi o dedutivo, uma vez que, a partir das análises regionais, fizeram-se inferências locais. Também, foi verificado *in loco* como se manifesta a tradição gaúcha na paisagem santa-mariense.

Com relação aos procedimentos metodológicos, a princípio se realizou uma revisão bibliográfica sobre as temáticas: geografia cultural e sua relação com a tradição, e a origem da tradição gaúcha. Após, foram recolhidos depoimentos de jovens santa-marienses, no intuito de compreender como ocorre a construção da identidade cultural dos jovens santa-marienses. Para isso foram aplicados 26 questionários, sendo que dezessete (17) foram respondidos por jovens que residem na área urbana de Santa Maria (RS) e nove (9) residem na área rural, bem como se procurou contemplar os jovens, afiliados ou não em entidades tradicionalistas.

Durante as saídas de campo, para aplicação dos questionários e visitação das entidades tradicionalistas, nos dez distritos do município de Santa Maria, se realizou um levantamento fotográfico das principais manifestações desta cultura em Santa Maria (RS), como: rodeios, bailes, desfile tradicionalista, etc.

### **A Tradição Gaúcha e sua influência na paisagem cultural**

O território que atualmente constitui o Rio Grande do Sul historicamente pertenceu aos espanhóis, devido à partilha realizada entre Espanha e Portugal, em 1494. Essa partilha, denominada de Tratado de Tordesilhas, estabelecia que as terras conquistadas que se localizavam ao leste de Tordesilhas pertenceriam a Portugal e as que estavam a oeste pertenceriam à Espanha, ou seja, “pelo Tratado de Tordesilhas, os domínios portugueses na

América do Sul iam até Laguna (no atual Estado de Santa Catarina) e daí para o sul o território seria espanhol” (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 31).

Na prática, o Tratado de Tordesilhas nunca foi respeitado, pois, no período colonial, o Rio Grande do Sul foi uma zona de litígio entre as coroas portuguesa e espanhola. O território foi palco de lutas e “sofreu os choques das frentes coloniais lusas e espanholas, pelo domínio da área, pois a linha de Tordesilhas nunca foi demarcada” (FLORES, 2003, p. 22). Sendo assim, para impedir que Portugal se apoderasse dessa região, a Espanha iniciou seu processo de colonização.

De acordo com Flores (2003), os espanhóis tinham orientações específicas para povoar a terra por meio de vilas; os núcleos urbanos deveriam ser no interior para evitar ataques de piratas e cada povoado (*pueblo*) teria lotes familiares e uma grande área para a prática da agricultura e da pecuária. O avanço colonial espanhol aconteceu aos poucos porque faltavam “homens brancos” para colonizar a região. Por isso, o governo espanhol passou a utilizar as reduções jesuíticas, a fim de deter o rápido avanço português, que já ocupava o litoral e começa a povoar o interior com sesmarias.

Deste modo, o território foi ocupado e colonizado paulatinamente, formando uma sociedade guerreira, com base econômica na pecuária e que se adaptava às diferentes culturas que se inseriam nessa região. Além disso, surge, neste contexto, um novo tipo social - o gaúcho - que habitava os pampas (do Rio Grande do Sul, da Argentina e do Uruguai) e era “formado por desertores, fugitivos, vagabundos, criminosos, tanto portugueses como espanhóis, negros e índios, todos marginalizados pela sociedade latifundiária e pecuarista em formação” (FLORES, 2003, p. 67).

Para Lessa; Côrtes (1975), os gaúchos eram mestiços que auxiliavam os estancieiros na caça do gado selvagem e companheiro dos tropeiros para arrebanhar as mulas. As particularidades do seu modo de vida criaram ‘gêneros de vida’ próprios, voltados para o trabalho pastoril, principalmente aquele executado nas estâncias. La Blache, ao enunciar o conceito de gênero de vida, cita que “a história de um povo é inseparável da área que ele habita” (1954, p. 68), ou seja, a construção de um espaço vai depender tanto dos aspectos físicos, quanto dos humanos. Segundo La Blache (1954), existe uma forte relação entre o homem e o solo, mas é nítida também a influência histórica que a relação do homem com o meio vai sofrer.

Assim, o Rio Grande do Sul consolidou-se culturalmente através da ação humana que ocupou e organizou o território gaúcho até o século passado. Primeiramente, influenciada pela cultura indígena (jês, pampianos e guaranis); após, pelos colonizadores portugueses e

espanhóis, assim como pelos escravos e pelos imigrantes, principalmente os alemães, os italianos e os açorianos.

O gaúcho, como forma de expressividade cultural, em termos regionais, não é o único grupo étnico que o formou, uma vez que, devem-se considerar as variações regionais que o compõem e que contribuíram para sua constituição. Pode-se afirmar, então, que a partir das bases socioculturais que configuraram o espaço rio-grandense o gaúcho apresenta particularidades intrínsecas ao contexto regional, ou seja, há “vários” gaúchos, diferenciados na forma e no que se refere às peculiaridades, mas que também mantém traços comuns, relativos ao tradicionalismo e ao nativismo (BRUN NETO; BEZZI, 2008, p. 136).

Portanto, a tradição sul-rio-grandense incorporou as particularidades étnico-culturais, resultado de diversos costumes que se agregaram e (re)criaram a sociedade gaúcha durante séculos, tornando a paisagem cultural bastante diversificada.

A tradição e o folclore sul-rio-grandense foram recriadas à medida que se inseriram nessa região diversas etnias, incorporando novos aspectos culturais. Entre eles, pode-se citar: a música, a religiosidade, a simbologia, os costumes, a atividade econômica, etc.

### **O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)**

Para compreender a força da tradição e sua inserção na paisagem do Rio Grande do Sul, é importante resgatar a história do Movimento Tradicionalista Gaúcho e evidenciar os acontecimentos que antecederam a criação do Grupo dos Oito<sup>3</sup> e, consecutivamente, do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (35 CTG). Mariante (1976) destaca a influência do Paternon Literário, fundado em 1868, que reuniu os intelectuais da época e publicava a literatura regional; e, em 1894, no Uruguai, Elias Regules fundou a entidade tradicionalista La Criolla. Ambas associações estimularam, na sociedade sul-rio-grandense, a necessidade de cultuar as suas raízes culturais.

Côrtes (2001) ressalta que, em 1898, João Cezimbra Jacques fundou o Grêmio Gaúcho Porto Alegre, inspirando o surgimento de outros clubes com objetivos cívico-gauchescos, como: União Gaúcha Pelotas (1899), Grêmio Gaúcho Santa Maria (1901), Clube Gaúcho

---

<sup>3</sup> Ou Piquete Tradição. É um grupo formado por oito cavaleiros que acompanharam o traslado dos restos mortais do herói farroupilha David Canabarro, do município de Santana do Livramento (fronteira com o Uruguai) até a capital do Estado - Porto Alegre.

Livramento (1902), Clube Gaúcho Dom Pedrito (1904) e Clube Gaúcho São Pedro do Sul (1910). Foram inúmeras sociedades tradicionalistas fundadas no estado que

João Cezimbra Jacques sonhou em organizar uma espécie de federação reunindo todas as entidades imbuídas do mesmo ideal. Porém, isso não aconteceu e elas aos poucos foram desaparecendo [...] essas sociedades tiveram dificuldades de afirmação porque o gauchismo não era bem recebido pela elite urbana; havia muito preconceito em relação ao gaúcho, que era visto como grosso, contrabandista, vagabundo, andarilho, etc. (CAMARGO, 2006, p. 160-161).

Além disso, no decorrer da primeira metade do século XX, ocorreram profundas alterações na sociedade sul-rio-grandense, entre elas a crescente concentração das atividades comerciais e industriais nos centros urbanos, principalmente em Porto Alegre (RS), assim como se inseriram elementos culturais de outras regiões brasileiras, principalmente do Sudeste. De acordo com Lessa; Côrtes (1975), neste período, o Rio Grande do Sul recebeu muita influência cultural, principalmente em relação a música popular, e nada forneceu.

Culturalmente foi mero receptor. Até mesmo o Grêmio Gaúcho, “que Cezimbra Jacques havia fundado em Porto Alegre com objetivos cívico-gauchescos, somente conseguira sobreviver ao se tornar uma sociedade recreativa comum” (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 80), ou seja, com bailes carnavalescos e festas juninas, perdendo sua originalidade. Desta maneira,

As transformações culturais e sociais que vinham desde a Primeira Guerra Mundial tornaram-se ainda mais acentuadas com a Segunda Guerra Mundial. Houve, no mundo, um desenvolvimento rápido da tecnologia e, por causa do aperfeiçoamento dos meios de comunicação, maior aproximação entre os povos. (CAMARGO, 2000, p. 57).

A difusão das rádios, pelo Rio Grande do Sul, inseriu no cotidiano dos centros urbanos elementos culturais, sobretudo dos Estados Unidos, que passou a ditar a moda e a cultura. Gradativamente, os jovens gaúchos passaram a desvalorizar suas raízes culturais e apreciar o estilo de vida norte-americana, enfraquecendo a cultura regional. Lessa; Côrtes (1975) relatam que a posição hegemônica dos Estados Unidos fez com que os aspectos culturais no Brasil, em especial do Rio Grande do Sul, enfraquecessem. Isso se deu através do cinema, dos livros (best-sellers), das histórias em quadrinhos, como o Capitão América e outros super-heróis, bem como da cultura country e da musicalidade norte-americana.

Durante o período do Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas banuiu do currículo escolar “os fatos e feitos da história da Gente Gaúcha, e o Rio Grande tinha seu amor cívico, amordaçado com a determinação da queima da Bandeira Tricolor Farrapa” (CÔRTEZ, 2001, p.

6), prejudicando o desenvolvimento e prática das culturas regionais. Neste período, os símbolos sul-rio-grandenses - bandeira, brasão e hino – foram proibidos e simbolicamente queimados em cerimônia no Rio de Janeiro, sendo que a utilização destes era considerada uma afronta contra a ordem política e social do Brasil.

Com isso, perdia-se o sentimento de culto às tradições e as raízes sul-rio-grandenses estavam sendo menosprezadas pelas gerações mais jovens. “O povo gaúcho, a massa popular citadina, parecia ignorar o seu próprio patrimônio cultural-tradicionalista e estava alheio às coisas do seu passado primitivo” (CÔRTEZ, 2001, p. 7). Diante de tudo isso, os gaúchos ficaram acomodados e sem atitudes perante as situações desenroladas nas primeiras décadas do século XX.

É neste contexto, pós Segunda Guerra e de banalização cultural, que emerge a necessidade de (re)valorização do folclore gaúcho. O movimento tradicionalista iniciou na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), em agosto de 1947, a partir de um movimento estudantil em favor das tradições gaúchas. Côrtes (2001) salienta que este movimento começou no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, quando um grupo de alunos funda o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG), que visava, basicamente, à preservação da cultura popular sul-rio-grandense. Esta ideia paulatinamente se estruturou e ganhou novos adeptos.

Ainda em 1947, o Departamento de Tradição Gaúcha envolveu-se com a retirada da Pira da Pátria, assim como transportou-a em chama até o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, estendendo as festividades do dia 7 ao dia 20 de setembro, criando, assim, a 1ª Ronda Crioula, bem como instituiu o Candeeiro Crioulo, a Chama Crioula e o primeiro Baile Gaúcho (CÔRTEZ, 2001).

Também em decorrência das programações da Semana da Pátria, os restos mortais de David Canabarro seriam trasladados de Santana do Livramento para Porto Alegre (CAMARGO, 2006). Fato este que desencadeou a formação do Piquete Tradição (que ficou conhecido como Grupo dos Oito, pois reuniu apenas oito cavaleiros), liderado por Paixão Côrtes, que propôs uma “guarda de honra, à pata de cavalo, por gaúchos que lembrassem os tempos em que nossos estancieiros e suas peonadas enfrentaram durante dez anos todo um império” (CAMARGO, 2006, p. 162).

Entretanto, o movimento tradicionalista começou a conquistar sentido cultural e espaço histórico na sociedade gaúcha após a fundação do 35 CTG. Esta entidade foi criada na capital, em 24 de abril de 1948, por 24 estudantes secundários, a maioria do Colégio Estadual Júlio Castilhos e quase todos oriundos do interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente da

campanha (MARIANTE, 1976). Inicialmente, era uma associação constituída unicamente por rapazes.

O 35 CTG impulsionou a multiplicação de Centros de Tradições Gaúchas, dentro do estado e além de suas fronteiras, difundindo a história sul-rio-grandense e a cultura popular gaúcha. Entretanto, estas entidades sentiram a necessidade de formar um órgão catalisador que disciplinasse e orientasse os CTGs.

“A criação deste órgão registrou-se no dia 22 de outubro de 1960” (MARIANTE, 1976, p. 12), constituindo-se como um conselho coordenador. Porém, seis anos depois, no XII Congresso Tradicionalista, consolida-se o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), congregando a maioria das entidades nativistas gaúchas, dedicando-se à preservação, ao resgate e ao desenvolvimento da cultura sul-rio-grandense.

Para que o MTG se tornasse uma organização respeitada e reconhecida, na contemporaneidade, muitas pessoas se dedicaram arduamente para que o tradicionalismo se consolidasse. Isso se deu através de atividades diárias, nos congressos e convenções, nos eventos de âmbito estadual, bem como no resgate da história sul-rio-grandense, da música, do folclore, das cavalgadas, das crenças, dos hábitos e dos costumes dos gaúchos.

Atualmente, o MTG é uma associação sem fins lucrativos, que congrega mais de 1400 entidades tradicionalistas no Rio Grande do Sul, legalmente constituídas, conhecidas por Centro de Tradições Gaúchas, Piquetes, Departamentos Tradicionalistas, entre outras denominações. As entidades filiadas ao MTG estão distribuídas em 30 regiões tradicionalistas, que agrupam todos os municípios sul-rio-grandenses (MTG, 2020).

### **As territorialidades da tradição gaúcha na paisagem cultural de Santa Maria (RS)**

As territorialidades formam conjuntos identitários materiais e imateriais orientados pelo modo de fazer, de sentir e de agir, ao interligar experiências passadas com expectativas futuras. Envolvem, assim, tanto as tradições fixadas na memória e na história, quanto um projeto de reprodução na contemporaneidade. Os conjuntos identitários fornecem a edificação das territorialidades na paisagem.

O tradicionalismo gaúcho manifestou-se muito cedo no município de Santa Maria. “A terra de Imembuí viu nascer o pai do culto gaúcho, foi testemunha das peraltices do criador do movimento tradicionalista rio-grandense, João Cezimbra Jacques” (RECHIA, 1985, p. 107).

De acordo com Rechia (1999), João Cezimbra Jacques nasceu na Freguesia de Santa Maria, em 13 de novembro de 1849, e faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de julho de 1922. Aos 18 anos, foi lutar na Guerra do Paraguai, sendo que sua carreira militar “teve uma ascendência em que sua capacidade, dedicação, zelo, lealdade e eficiência justificaram os postos que galgou, desde alferes até major” (RECHIA, 1999, p. 193). Também, conforme Rechia (1999), foi instrutor da Escola Militar do Rio Grande do Sul e na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo. Em 1901, foi compulsoriamente reformado devido à sua saúde precária.

No âmbito cultural, João Cezimbra Jacques, foi o primeiro escritor de Santa Maria, ao publicar a obra intitulada ‘Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul’ (1883). Além disso, Bertolini et al. (2003) destaca que Cezimbra Jacques era um pesquisador apaixonado pela história, usos e costumes do Rio Grande do Sul, dominava muito bem a língua guarani, o que lhe inspirou a escrever o conto que daria origem à Lenda de Imembuí, que foi publicado na sua segunda obra – Assuntos do Rio Grande do Sul.

Admirador das coisas do Rio Grande do Sul, movido pelo sentimento de manter o passado ativo como alicerce permanente do presente e do futuro, fundou, em Porto Alegre, em 25 de maio de 1898, o Grêmio Gaúcho, marcando, assim, o início de um movimento que se expandiu em todo o Estado (RECHIA, 1999, p. 194).

Assim, pelos méritos de ser o precursor do tradicionalismo gaúcho e pelo trabalho desenvolvido para divulgar a cultura regional, João Cezimbra Jacques foi escolhido Patrono do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 1959, no 6º Congresso Tradicionalista, realizado em Cachoeira do Sul (BERTOLINI et al., 2003).

A população santa-mariense sempre procurou cultivar as suas tradições. “O sangue dos índios minuanos, tapes e guaranis, mesclado aos dos espanhóis e portugueses, originou esse homem forte, de temperamento firme, audacioso e sentimental que se orgulha de sua origem – o gaúcho santa-mariense” (RECHIA, 1999, p. 116), fato que é evidenciado através de eventos tradicionalistas que se manifestam na paisagem cultural de Santa Maria, entre elas: os rodeios, a chegada da Chama Crioula, a Semana Farroupilha, que contam com grande número de adeptos gaúchos.

O município de Santa Maria foi sede do Primeiro Congresso Tradicionalista, em 1954. De acordo com Camargo (2006), este congresso foi uma iniciativa de Emílio Rodrigues, integrante do CTG Ponche Verde, que reuniu uma heterogênea comunidade tradicionalista em busca de uma identidade cultural e de homogeneidade ideológica. Participaram neste congresso

escritores, políticos e representantes de praticamente todos os CTGs, que buscavam maior entrosamento entre as entidades tradicionalistas.

Na atualidade, Santa Maria é a sede da 13ª Região Tradicionalista (13ª RT), que congrega 89 entidades, distribuídas em dezessete (17) municípios vizinhos - Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Nova Palma, Paraíso do Sul, Restinga Seca, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, São Sepé, Silveira Martins e Vila Nova do Sul (MTG, 2020).

O município de Santa Maria “congrega hoje um universo de pessoas reunidas em núcleos culturais denominados Piquetes, Grupos Nativistas, Departamento de Cultura, Centro de Tradições, entre outros” (BERTOLINI et al., 2003, p. 59), localizados tanto na área urbana quanto rural. Entre os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) destacam-se: o Ponche Verde (primeiro CTG santa-mariense), o CTG Bento Gonçalves, o CTG Sentinela da Querência, o Centro de Pesquisa Folclórica (CPF) Piá do Sul, por sua ativa participação e incentivo ao tradicionalismo, bem como na construção da identidade cultural sul-rio-grandense na contemporaneidade.

## **Resultados e discussões**

O tradicionalismo é um elemento de transformação e organização do espaço geográfico, contribuindo na construção de novas paisagens, bem como possibilitando a convivência de diferentes gerações, perpetuando, assim, a cultura sul-rio-grandense ao longo dos anos e desenvolvendo os sentimentos de identidade e de pertencimento sociocultural dos jovens gaúchos.

A análise das manifestações tradicionalistas gaúcha, no município de Santa Maria (RS), contribuiu significativamente para evidenciar como a juventude constrói sua identidade cultural, na contemporaneidade, bem como na identificação das principais manifestações culturais no referido município.

Foram aplicados dezessete (17) questionários na área urbana, sendo que dez (10) foram respondidos por jovens afiliados a entidades tradicionalistas (CTG Bento Gonçalves, CTG Estância do Jarau, CTG Sentinela da Querência, CPF Piá do Sul, Piquete de Laçador - PL - Querência de Santo Antão e PL Estância de São José) e sete (7) questionários a jovens que não são afiliados em entidade tradicionalistas. Na área rural foram aplicados nove (9) questionários,

sendo que oito (8) foram para jovens afiliados em entidades tradicionalistas (CTG Maneco Rodrigues, CTG Tropeiro Velho e CTG Ronda de Tropa) e um (1) para não afiliado. A idade dos entrevistados variou de 15 a 26 anos.

A partir da apreciação dos questionários aplicados na área urbana e rural, aos jovens afiliados a entidades tradicionalistas, constatou-se que estes participam de diversos encontros, como: rodeios, bailes, invernadas artísticas (grupos de danças), concursos de danças, principalmente do Concurso Estadual de Danças Tradicionais – Categoria Juvenil (Juvenart) e do Encontro de Arte e Tradição (Enart), concursos de peões e prendas e cavalgadas. Ao serem indagados sobre os motivos que os levam a participarem destes encontros, em sua maioria, atribuiu o incentivo da família, uma vez que a maioria destes jovens participa das entidades tradicionalistas desde a infância. Em contraponto, os jovens que não são afiliados raramente participam de encontros tradicionalistas e quando participam, frequentam principalmente os rodeios.

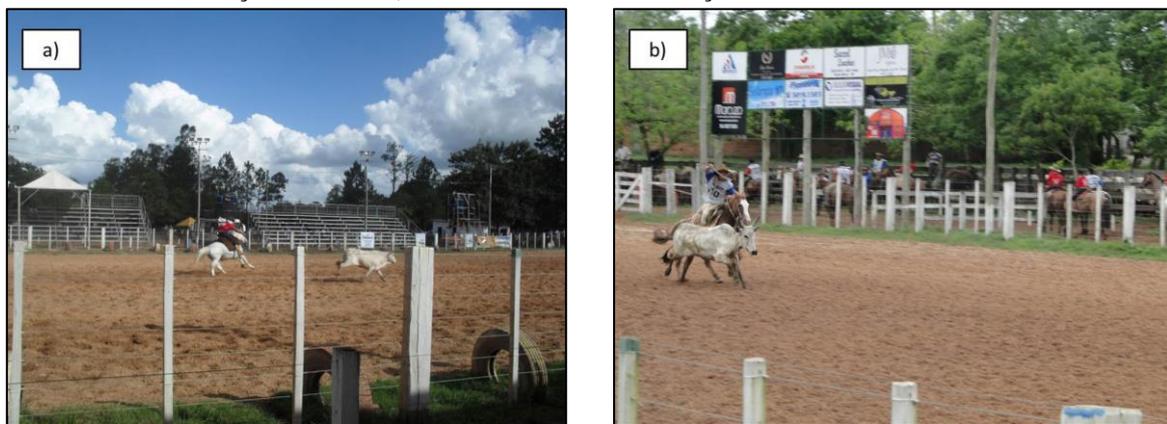
A preservação da cultura se dá através do convívio das diferentes gerações, aonde os jovens vão aderindo hábitos e costumes similares aos dos adultos. “A transmissão é feita em diversas etapas no decorrer da infância e da adolescência” (CLAVAL, 2007, p. 63 – 64). A família tem um papel fundamental na construção e transmissão cultural, pois é através do compartilhamento de experiências que se consolidam os saberes, os valores e os comportamentos sociais.

Em relação ao entendimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), os jovens compreendem que é um movimento iniciado por Paixão Côrtes, revolucionando o Estado no final da década de 1940. Entretanto, o MTG tornou-se uma entidade tradicionalista no 12º Congresso Tradicionalista, realizado em Tramandaí, em outubro de 1966 (CAMARGO, 2000). Atualmente, o MTG reúne 30 Regiões Tradicionalistas, regularizando as necessidades contemporâneas e organizando os eventos relacionados à tradição gaúcha. Além disso, contribui para manter vivas as raízes culturais no Rio Grande do Sul.

Para o jovem santa-mariense o movimento tradicionalista ainda é importante na atualidade, uma vez que contribui para preservar a cultura sul-rio-grandense, conservar os valores sociais, possibilitando a convivência de diferentes gerações, cultuando e preservando as raízes culturais. “O tradicionalismo é um estado de alma e de espírito. É uma forma de rever as coisas do passado na preocupação de retirar elementos fundamentais que possam ser utilizados para consolidar o indivíduo na sociedade atual” (CÔRTEZ, 1981, p. 12).

A maioria dos jovens considerou que o tradicionalismo é forte no município de Santa Maria (RS), afirmando que a participação é bastante expressiva nos rodeios, uma vez que este remete a lida campeira. Uma das mais visíveis manifestações do gauchismo, dentro do cenário urbano santa-mariense são os rodeios de tiro de laço (Figura 2), que acontecem praticamente todos os finais de semana.

**Figura 2:** a) Rodeio Internacional do Conesul, na Associação Tradicionalista Estância do Minuano, março de 2014; b) Rodeio CTG Bento Gonçalves, outubro de 2014.



Fonte: Trabalho de campo (2014).

De acordo com Howes Neto (2009), os laçadores reúnem-se semanalmente para treinar e disputar o tiro de laço e os rodeios configura-se como uma verdadeira febre dentro do movimento tradicionalista. Além do tiro de laço, os jovens são adeptos das gineteadas, que é uma demonstração da doma gaúcha e da habilidade do peão campeiro. Para a cultura sul-riograndense, “domar, significa ter domínio sobre – é a condição de existência do gaúcho e a sua condição para ser homem. Quando ele perde sua força, não é mais capaz de domar a natureza ao seu redor, ele perde sua masculinidade e sua identidade como gaúcho” (LEAL, 1992. p. 147).

Através da análise do questionário verificou-se o desconhecimento por parte dos jovens gaúchos em relação ao santa-mariense João Cezimbra Jacques. Esta personalidade foi o precursor do tradicionalismo organizado e grande difusor da cultura gaúcha. No âmbito cultural, João Cezimbra Jacques revelou grande talento. Sua estreia na literatura foi com a obra *Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul* (1883). Até 1917, escreveu outros nove livros sobre política e cultura gaúcha. Movido pelo sentimento de manter o passado ativo como alicerce permanente do presente e do futuro, fundou, em 25 de maio de 1898, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, marcando assim, o início de um movimento que se expandiu por outras regiões do Rio Grande do Sul (HOWES NETO, 2009). Sendo assim, faz-se necessário divulgar aos

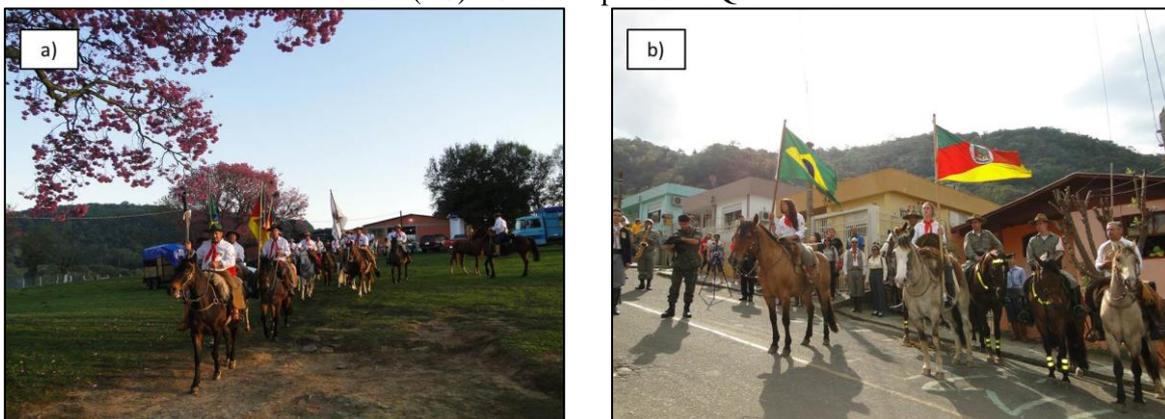
jovens a importância que João Cezimbra Jaques teve, tanto para o tradicionalismo no município quanto do estado.

Os questionados apontaram que a maior manifestação do tradicionalismo na paisagem santa-mariense é a Semana Farroupilha. Oficialmente, as comemorações iniciam em Santa Maria com a chegada da Chama Crioula (Figura 3). O grupo de cavalgada *Tropeiros do Coração do Rio Grande* é o encarregado por trazer a chama para o município de Santa Maria.

A cada ano um município do Rio Grande do Sul é o escolhido para o acendimento oficial da Chama Crioula. Após, é distribuído para todas as Regiões Tradicionalistas do Estado, os quais conduzem a chama para o município sede a cavalo, percorrendo grandes distâncias e cavalgando durante vários dias, em pleno inverno gaúcho. No segundo sábado do mês de setembro, cada Região Tradicionalista, fica responsável em entregar para todas as entidades tradicionalistas a Chama Crioula, abrindo oficialmente a Semana Farroupilha (que se estende desde o dia da distribuição da chama até o dia 20 de setembro).

Em 2019, o município de Tenente Portela (RS), situado no Norte do Estado, que sediou a geração e o acendimento da Chama Crioula. Assim, o grupo de cavalgada Tropeiros do Coração do Rio Grande percorreram a cavalo aproximadamente 320 km, até o distrito de Santo Antônio onde pernoveram no PL Querência de Santo Antônio. No dia seguinte, a Chama Crioula foi levada para o CTG Tropeiros da Querência, em homenagem aos 50 anos desta entidade, e permaneceu nesse local até sua distribuição às demais entidades.

**Figura 3:** a) Saída do grupo de cavalgada Tropeiros do Coração do Rio Grande do PL Querência de Santo Antônio; b) Jovens que acompanharam a condução da chama, desde Tenente Portela até Santa Maria (RS) - CTG Tropeiros da Querência.



Fonte: Trabalho de campo (2014).

Após, no dia 14 de setembro de 2019, a Chama Crioula foi conduzida até o Parque da Basílica Santuário da Medianeira, onde ocorreu a cerimônia de distribuição da centelha da

chama para todas as Entidades Tradicionalistas do município de Santa Maria e dos demais municípios que formam a 13ª Região Tradicionalista, iniciando oficialmente a Semana Farroupilha. A Chama Crioula

É o símbolo autêntico da tradição gaúcha, representando, na Semana Farroupilha, o compromisso de manter acesa a chama sagrada de servir nossos irmãos e irmanados; procurar despertar valores positivos do ser humano. A Chama Crioula é um símbolo do gaúcho; representa o facho, que nunca apagou, nos corações dos sul-rio-grandense; arde plenamente nos centros de tradições gaúchas. Conserva aceso os ideais de justiça e liberdade; é símbolo da fertilidade de uma cultura própria. A Chama Crioula é a alma gaúcha (CAMARGO, 2000, p. 80).

A Chama Crioula ganha um local de destaque em cada entidade, simbolizando o apego do gaúcho à sua querência, permanecendo acesa até o encerramento da Semana Farroupilha. Constatou-se que o jovem santa-mariense, vinculados aos CTGs, exercem plenamente o seu tradicionalismo durante a Semana Farroupilha (Figura 4), participando ativamente dos bailes e do desfile de 20 de Setembro, colaborando desde a organização como nas comemorações. A Semana Farroupilha é um acontecimento compartilhado por todos os tradicionalistas seja do campo ou da cidade, bem como por todos que vivenciam o gauchismo de maneira geral.

**Figura 4:** Semana Farroupilha de 2019. a) baile do CTG Bento Gonçalves; b) Desfile Tradicionalista, na Avenida Medianeira.

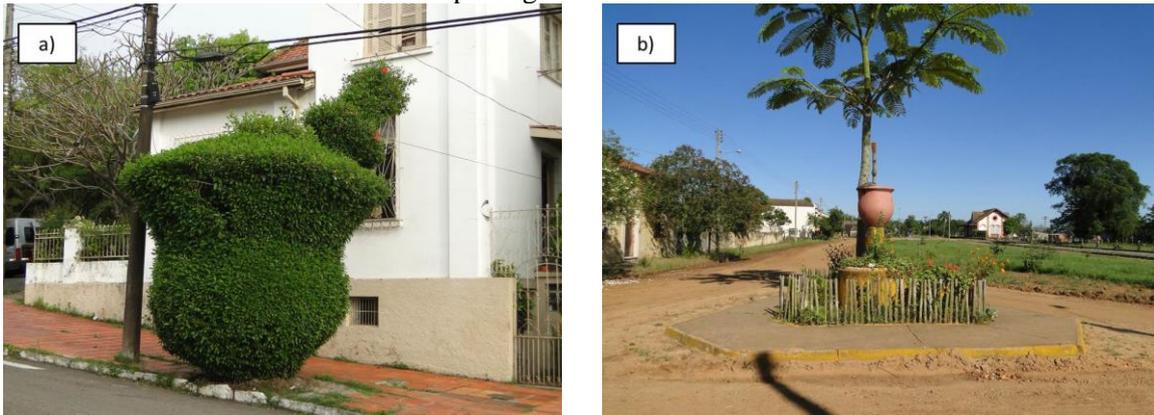


Fonte: Trabalho de campo (2014).

Em 2019, vinte e nove (29) entidades tradicionalistas passaram pela Avenida Medianeira, comemorando o Dia do Gaúcho. “O desfile de 20 de Setembro é o evento máximo de reverência à memória farroupilha. Foi oficializado pela Lei nº 4.850, de onze de setembro de 1964” (HOWES NETO, 2009, p. 104), homenageando os heróis farrapos e enaltecendo os símbolos culturais sul-rio-grandense com a passagem de cavaleiros e de carros temáticos.

Os jovens santa-marienses citadinos e interioranos apontaram que o principal símbolo que identifica o gaúcho santa-mariense é o chimarrão, pois além de possibilitar o convívio diário, aproximando as diferentes gerações, esta simbologia materializa-se na paisagem do município (Figura 5).

**Figura 5:** a) Arbusto podado no formato de uma cuia, localizado na Rua 13 de Maio, próximo a Escola Estadual Manoel Ribas; b) Monumento no distrito de Arroio do Só, que é o maior produtor de porongo da América<sup>4</sup>.



**Fonte:** Trabalho de campo (2014).

O chimarrão é o símbolo da cordialidade, de confiança depositada, de intimidade entre as pessoas. A hospitalidade é um valor constante na vida do gaúcho, e o chimarrão é o fator agregador: que reúne, que harmoniza, através do calor humano, o relacionamento entre os gaúchos (CAMARGO, 2000).

Os jovens entrevistados apresentaram dificuldades em citarem nome históricos importantes para o tradicionalismo gaúcho. Os nomes que foram lembrados foram do general farroupilha Bento Gonçalves, Paixão Côrtes, Giuseppe Garibaldi, Anita Garibaldi, Teixeira e Guri de Uruguaiana. Constatou-se a necessidade de realizar um resgate das personalidades históricas do Rio Grande do Sul, pois “esses precursores de ideias novas deixaram a semente que haveria de frutificar na terra fertilizada pelo seu sangue” (CAMARGO, 2000, p. 199), ou seja, devemos conhecer a história gaúcha e seus heróis, a fim de compreender a formação cultural e suas implicações na atual sociedade.

A música gauchesca contribui na construção da identidade cultural, e na preservação, na revitalização e na (re)invenção da tradição gaúcha na sociedade contemporânea. Neste sentido, os questionados, tanto o jovem do campo quanto o da cidade, citaram inúmeros

<sup>4</sup> Fonte: Campo e lavoura. Avanço da soja ameaça a produção de porongos no centro do Rio Grande do Sul, 2013.

cantores da atualidade, sobressaindo-se Mano Lima, César Oliveira e Rogério Melo, Luiz Marengo e Baitacá, bem como a intérprete feminina Shana Müller. “A música é um dos códigos culturais que expressa de forma mais significativa identificação do gaúcho com as ‘coisas do pago’. As letras retratam o ‘Rio Grande’, enfatizando os aspectos físico-naturais e sociais no que se referem aos seus principais códigos culturais” (BRUN NETO; BEZZI, 2008, p. 144 - 145).

É através da música que os gaúchos manifestam sentimentos comuns de pertencimento sociocultural e exaltam seus hábitos e seus costumes, contribuindo para o entendimento dessa herança cultural, sua preservação, sua importância e sua adaptação na atual sociedade.

Na gastronomia, foi destacado como sendo da tradição gaúcha o churrasco, o carreteiro, o chimarrão, o arroz de china e a vaca atolada. A culinária gaúcha formou-se historicamente, misturando ingredientes, técnicas, usos e costumes, das diferentes etnias que colonizaram e povoaram o Rio Grande do Sul. A gastronomia é um dos mais importantes elementos que definem a cultura sul-rio-grandense, possuindo características que identificam e representam sinais e ícones da hospitalidade do povo gaúcho. Preservar a gastronomia é resgatar a história e construir a identidade regional.

Na vestimenta, apontou-se o uso da bombacha, da bota, do lenço e do vestido de prenda, respectivamente, como próprios da cultura gaúcha. “As bombachas – símbolo dos gaúchos – devem ser usadas apenas por homens” (HOWES NETO, 2009, p. 108). Na sociedade sul-rio-grandense contemporânea o uso da bombacha, popularizou-se entre as prendas, incorporando esta indumentária no seu cotidiano. Entretanto, dentro das entidades tradicionalistas esta vestimenta sofre inúmeras restrições, como, por exemplo, é proibido o uso de bombacha por prendas em apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, etc.

As virtudes destacadas pelos jovens santa-marienses como referências à tradição gaúcha, foram: o respeito, a luta pelos ideais, a ética, a coragem e a hospitalidade.

A agropecuária ainda é considerada uma atividade econômica própria da cultura gaúcha, bem como a doma, os rodeios, os leilões, as mateadas, entre outros. Porém, na sociedade contemporânea surgiram novas atividades econômicas, principalmente na paisagem urbana, entre elas a hotelaria de cavalo, que são locais que prestam atendimentos estéticos (banho, tosa e limpeza dos cascos) e físicos (exercícios de rotina). Em Santa Maria, a hotelaria de cavalos é uma atividade informal. Os tradicionalistas pagam mensalmente para que o cavalo permaneça nestes locais, possibilitando melhores condições ao seu animal na área urbana.

Os saberes culturais são afetados pelo desenvolvimento de sistemas de comunicação de massa, que priorizam os elementos culturais provenientes dos países hegemônicos. “O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa acompanha a introdução cada vez mais determinante dos critérios de rendimento e de rentabilidade em tudo o que se refere à produção cultural” (CUCHE, 1999, p. 157 – 158), ou seja, os meios de comunicação possuem um papel ideológico e persuasivo sobre as pessoas.

Sendo assim, procurou-se saber dos jovens santa-marienses quais os programas (rádio, televisão e/ou internet) que estes conhecem usados para a divulgação da cultura sul-rio-grandense. Tanto o jovem rural, quanto o urbano citaram: Galpão Crioulo (RBS TV), Cavalo Crioulo (programa do Canal Rural), Rádio Nativa FM, TV Tradição (internet) e Coisas do Sul (SBT), evidencia-se que o movimento tradicionalista também se utiliza deste aparelho ideológico para difundir a cultura gaúcha.

O hino do Rio Grande do Sul é um símbolo peculiar da cultura gaúcha, uma vez que todos os jovens souberam entoá-lo, constituindo-se um dos principais símbolos para a construção de identidade e de pertencimento cultural. Foi destacado na letra do hino a estrofe que representa algo especial para o jovem enquanto gaúcho. Logo, as estrofes frizadas - *‘foi o vinte de setembro, o precursor da liberdade’*; *‘sirvam nossas façanhas, de modelo a toda terra’*; *‘povo que não tem virtude, acaba por ser escravo’* - evidenciam a importância da Revolução Farroupilha na formação da cultura sul-rio-grandense. O hino é um elemento agregador, onde todos os gaúchos expressam seu orgulho, seus sentimentos e apego pelo pago, cultuando o legado das gerações passadas.

A tradição gaúcha apresenta uma similaridade com a uruguaia e a argentina, pois as três tiveram origem no pampa. Entretanto, ao longo do tempo-espço as três culturas foram incorporando características específicas, que na atualidade as diferenciam, uma vez que “a paisagem humanizada toma formas variadas que refletem as escolhas e os meios de diferentes culturas” (CLAVAL, 2007, p. 287).

Entretanto, os jovens santa-marienses apontaram algumas semelhanças, como: as gineteadas, o uso do cavalo, vestimentas parecidas e o hábito de tomar chimarrão. Além disso, expressaram que estas culturas podem ser parecidas, mas não com o mesmo amor que o gaúcho sul-rio-grandense tem pela sua querência.

Em relação a participação do jovem no tradicionalismo santa-mariense, ganhou opiniões variadas. Os jovens afiliados nas entidades tradicionalista percebem que a participação aumentou nos últimos anos e que o envolvimento em rodeios, grupos de danças, bailes é

significativa. Além disso, ressaltam que essa participação se tornou relevante a partir do projeto “MTG vai à escola”, que visava divulgar e fortalecer a cultura gaúcha dentro das entidades tradicionalistas, bem como possibilitar que todo o jovem gaúcho tenha acesso e conheça os principais hábitos e costumes da cultura sul-rio-grandense. Em contra ponto, os que não participam nas entidades tradicionalistas alegam que a participação dos jovens no tradicionalismo é fraca, uma vez que estes apresentam outros interesses e preferências culturais (principalmente os que são impostos pela mídia).

No mundo contemporâneo, dos intercâmbios, do turismo, da globalização econômica, os jovens santa-mariense consideram importante preservar a tradição gaúcha, pois compreendem a necessidade de preservá-la para as futuras gerações, (re)valorizando as raízes e a história e por ser o diferencial do povo gaúcho. Além disso, é uma questão de preservar a identidade e o pertencimento sociocultural.

### **Considerações Finais**

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, constatou-se a premissa de que o tradicionalismo gaúcho em Santa Maria (RS) é um importante componente desencadeador para o convívio da população em suas múltiplas expressões sociais e culturais, bem como foi possível confirmar a influência da família na transmissão da cultura sul-rio-grandense.

Diante das manifestações culturais observadas, a partir da tradição gaúcha no espaço geográfico santa-mariense, das análises dos depoimentos e dos documentários fotográficos, a existência de uma forte relação de identidade da população com os aspectos geográficos que remontam à identidade cultural e histórica do tradicionalismo gaúcho. As manifestações tradicionalistas no município (bailes, rodeios, cavalgadas, desfile tradicionalista, concursos, etc.) potencializam a construção da identidade cultural do jovem santa-mariense, promovendo a experimentação coletiva, de encontro, de diálogo, de convivência, de fusão de públicos e de sentimentos de identidade e de pertencimento da população em relação à tradição gaúcha.

Na gastronomia, o churrasco e o chimarrão, apresentam-se como uma identidade territorial gaúcha e, também, reconhecida como uma prática social de identidade que remete ao lugar de tradições com a histórica lida campeira.

Os rodeios, principalmente, de tiro de laço são uma constante na paisagem de Santa Maria, proporcionando fluxos de convivência entre o jovem rural e o urbano. Essa prática está

presente, desde os eventos promovidos pelas entidades tradicionalistas até eventos de caráter informal, como observado nos arredores do município.

Constatou-se que o resgate e a valorização da tradição gaúcha se fazem necessárias entre a população mais jovem, principalmente para aqueles que não participam nas entidades tradicionalistas, pois estes reproduzem os costumes, mas muitas vezes, não conhecem a origem e o contexto histórico da tradição gaúcha. Muitos jovens estão perdendo seu vínculo com as tradições, devido à mídia televisiva e a internet principalmente. A juventude santa-mariense está cada vez mais envolvida com dimensões culturais provenientes de outros países hegemônicos e/ou regiões brasileiras, perdendo o conhecimento sobre sua identidade cultural local.

Sendo assim, sugere-se que esta temática seja inserida na grade curricular da Educação Básica, ou seja, um processo permanente dentro das instituições educacionais e não apenas componente curricular dos 5º anos ou abordada apenas na Semana Farroupilha. Deve-se ampliar o número de Departamentos Tradicionalista Cultural Estudantil (DTCEs), formando internadas artísticas, promovendo a partilha de saberes entre as entidades tradicionalistas e a comunidade escolar.

Por fim, essa pesquisa, na mesma medida em que fez compreender um pouco mais sobre o tradicionalismo em Santa Maria (RS), suscitou novas possibilidades de investigação, novas indagações, ampliando o objeto de estudo, pelas diversas formas de manifestação e ação da cultura sul-rio-grandense.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BERTOLINI, Erival (et. al.). Folclore e tradição. In: SANTA MARIA, Conselho Municipal de Cultura. **Santa Maria: cidade cultura**. Santa Maria: Pallotti, 2003.
- BRUN NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade e Natureza**, vol. 20, n. 2, p.135 -155. Uberlândia, 2008.
- CAMARGO, Odalgil Nogueira de. **Falando em tradição e folclore: conhecimento básico da cultura e tradições do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed. Gráfica Pe. Berthier, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Falando em tradição e folclore: conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo, RS: Méritos, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Falando em tradição e folclore gaúcho**: excertos jornalísticos. Porto Alegre: Grafosul, 1981.

\_\_\_\_\_. **Tradicionalismo gauchesco**: nascer, causas e momentos. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2001.

COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2009. 134 p. (Dissertação, mestrado em Ciências Sociais).

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

LEAL, Ondina Fachel. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves. ORO, Ari Pedro (Orgs.). **Brasil e França**: Ensaio de Antropologia Social. PPGAS - UFRGS, n. 6. 1992.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa; CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Danças e andanças da tradição gaúcha**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

MARIANTE, Helio Moro. **História do tradicionalismo sul-rio-grandense**. Porto Alegre: IGTF, 1976.

MTG. Movimento tradicionalista gaúcho, 2020. Entidades por região tradicionalista. Disponível em: < <https://www.mtg.org.br/entidades-por-regiao-tradicionalista/>>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

POCHMANN, Márcio. **Desafios do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RECHIA, Aristilda Antonieta. **Santa Maria**: cidade-sol, coração-gaúcho. Santa Maria: UFSM, 1985.

\_\_\_\_\_. **Santa Maria**: panorama histórico-cultural. Santa Maria, RS: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.

Artigo recebido em 26-05-2020  
Artigo aceito para publicação em 13-03-2022